Salmo 132: Uma Prédica Poética com Juramentos Cruzados: Relação Exegético-teológica entre a Memória Davídica e a Fidelidade Divina.

PSALM 132: A Poetical Sermon With Cross-oath. Exegetical-theological Relationship Between Davidic Memory and Divine Fidelity.

José Ancelmo Santos Dantas
http://lattes.cnpq.br/9340615501908717

Resumo:

Este estudo investiga a relação entre o juramento de Davi e a promessa divina no Salmo 132, buscando compreender como a memória davídica e a fidelidade do Senhor se articulam na tradição dos "Cânticos das Subidas". A questão central é identificar de que modo o texto poético-teológico tensiona o passado da monarquia israelita com a ausência do templo e a expectativa de continuidade da aliança. Para tanto, utilizou-se abordagem exegético-teológica, combinando análise filológica do hebraico bíblico com leitura literária e simbólica. Os resultados apontam que o salmo constrói um duplo movimento: de um lado, exalta a dedicação de Davi em buscar uma morada para Deus; de outro, ressalta que apenas a fidelidade divina garante a permanência da promessa. Conclui-se que a força teológica do Salmo 132 reside em afirmar que a verdadeira habitação de Deus transcende o espaço físico, encontrando-se no coração humano fiel à aliança.

Palavras-chave: Salmo 132; Juramento; Promessa divina; Templo; Teologia poética.

Abstract:

This article investigates the relationship between David's oath and the divine promise in Psalm 132, aiming to understand how Davidic memory and the Lord's faithfulness are intertwined within the tradition of the "Songs of Ascents." The central question is how this poetic-theological text juxtaposes the memory of Israel's monarchy with the absence of the temple and the expectation of covenant continuity. An exegetical-theological approach was employed, combining philological analysis of the Hebrew text with literary and symbolic interpretation. The results indicate that the psalm presents a double movement: on the one hand, it highlights

David's dedication to seeking a dwelling place for God; on the other, it emphasizes that only divine faithfulness ensures the permanence of the promise. The study concludes that the theological strength of Psalm 132 lies in affirming that God's true dwelling transcends physical space, being found in the human heart faithful to the covenant.

Keywords: Psalm 132. Oath. Divine promise. Temple. Poetic theology

Introdução

O livro dos Salmos, composto por cento e cinquenta poemas líricos, ocupa lugar central na Bíblia Hebraica, tanto como expressão de oração quanto como testemunho da fé coletiva de Israel. Dentro desse conjunto, os chamados "Cânticos das Subidas"[1] (Sl 120–134) se destacam por sua função litúrgica e espiritual, evocando a experiência do povo que peregrinava a Jerusalém em busca do encontro com o Senhor.

O Salmo 132, o mais extenso desse grupo, distingue-se por sua densidade literária e teológica. Ao entrelaçar a memória de Davi com a promessa divina, o poema constrói um diálogo de juramentos cruzados que sustentam a esperança da presença de Deus em Sião. Surge, então, a questão central que orienta este estudo: de que maneira um salmo de caráter litúrgico pode reafirmar a presença divina mesmo em tempos de fragilidade institucional, como a crise da monarquia ou a ausência do templo?

Para responder a essa questão, optou-se por uma abordagem exegético-teológica, que combina análise filológica do texto hebraico com leitura literária e simbólica. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de natureza bibliográfica, fundamentada em traduções críticas e em diálogo com a literatura especializada. Não se pretendeu aqui abarcar todas as interpretações possíveis, mas oferecer uma leitura focada na articulação entre memória davídica e fidelidade divina.

O percurso do artigo se organiza em três etapas complementares: (1) apresentação do poema em sua disposição literária e critérios de tradução, acompanhada de uma primeira leitura exegética; (2) análise do juramento de Davi e suas implicações; e (3) exame do juramento do

[1] A expressão "Cântico das Subidas (שִׁיר הַמַּעֲלוֹת)" é descrita em diversos Salmos. Cf.: o estudo publicado: DANTAS, José Ancelmo Santos**.** O monte, o cetro e o coração: um estudo bíblico de Sl 125. *Revista UniÍtalo em Pesquisa*, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 100–114, jan./jun. 2025.

Senhor, com destaque para a fidelidade divina como chave hermenêutica do salmo. Ao final, as considerações retomam os principais resultados e procuram apontar a relevância teológica do texto para a vida de fé e para a tradição interpretativa.

Apresentação do Poema

O Salmo 132 — objeto central deste estudo — insere-se no conjunto dos "Cânticos das Subidas" (הַמַּעֲלוֹת שִׁיר) e se apresenta como fruto da promessa feita entre o Senhor e Davi, cujo cumprimento inicial ocorreu no reinado de Salomão (2Sm 7,13). É o mais extenso dos cânticos de peregrinação e pode também ser classificado como "salmo real" ou "messiânico", em virtude de suas referências explícitas a Davi (דָּוִד) (v. 1b) e ao ungido (מָשִׁיחַ) (v. 10b) (Ballarini; Reali, 1999, p. 85; Bortolini, 2000, p. 545; Seybold, 2010, p. 38).

Considerado em sua estrutura uma espécie de paráfrase do "oráculo de Natã" (Seybold, 2010, p. 265), o salmo aposta na categoria da memória. Ele relembra positivamente o início da monarquia em Israel, mencionando quatro vezes o nome de Davi (vv. 1; 10; 11; 17), e associa esse passado a comportamentos de renúncia atribuídos ao rei: "não entrar em casa" (v. 3a), "não subir para a cama" (v. 3b), "não dar sono aos olhos" (v. 4a) e "não cochilar as pálpebras" (v. 4b), até que fosse encontrado "um lugar para o SENHOR" (v. 5a).

A progressão poética do salmo dá voz ao coletivo (vv. 6–7), que rememora a arca (אָרוֹן), menciona Éfrata (אֶפְרָתָה), região de Belém, e reafirma Sião (צִיּוֹן) como lugar escolhido por Deus. Nesse movimento, imagens simbólicas se entrelaçam: a "morada" (מִשְׁכָּן) aponta para o templo; o "estrado" (הֲדֹם) remete à arca (אָרוֹן); e as súplicas litúrgicas pedem que o Senhor assuma o lugar de repouso (v. 8), que os sacerdotes se revistam de justiça (v. 9a) e que o ungido não seja rejeitado (v. 10b).

O centro estrutural do poema está nos vv. 11–12, onde se encontram o juramento (שׁבע) e a verdade (אֱמֶת) do Senhor, confirmando a promessa davídica, embora condicionada à observância da aliança (בְּרִית) e da norma (עֵדוּת). Finalmente, os vv. 13–18 projetam Sião como morada definitiva de Deus, fonte de bênçãos para o povo: provisões (צֵיד), pão para os pobres (אֶבְיוֹן), sacerdotes (כֹּהֵן) vestidos de salvação, fiéis (חָסִיד) em júbilo e o poder de Davi (לְדָוִד קֶרֶן), contraposto à vergonha dos inimigos (אוֹיֵב).

Essa moldura literária e teológica confirma o caráter singular do Salmo 132, em que o juramento de Davi e o juramento do Senhor se entrelaçam, fundamentando a esperança da presença divina em Sião e apontando para a habitação de Deus como realidade que ultrapassa a mera dimensão física.

Para facilitar a compreensão do texto bíblico em questão, adota-se uma sistemática simples. No lado esquerdo da tabela, o leitor encontrará o texto original do Salmo 132, em hebraico. Ao centro, os versos serão organizados em linhas. E, no lado direito, apresenta-se uma tradução própria, que busca manter fidelidade ao texto hebraico da *Bíblia Hebraica Stuttgartensia*[2], uma edição crítica amplamente utilizada no meio acadêmico.

Tabela 1. Disposição paralela do Salmo 132: Hebraico, Versificação e Tradução

Hebraico	**Verso**	**Português**
הַמַּעֲלוֹת שִׁיר	(v. 1a)	Cântico das Subidas.
לְדָוִד זְכֹר־יְהוָה	(v. 1b)	Lembra-te, SENHOR, de Davi,
כָּל־עֻנּוֹתוֹ׃ אֵת	(v. 1c)	de toda sua aflição,
לַיהוָה נִשְׁבַּע אָשֵׁר	(v. 2a)	haja vista que jurou para o SENHOR,
לַאֲבִיר יַעֲקֹב׃ נָדַר	(v. 2b)	fez um voto ao poderoso de Jacó:
בֵּיתִי בְּאֹהֶל אִם־אָבֹא	(v. 3a)	“Não entrarei na tenda de minha casa,
יְצוּעֵי עַל־עֶרֶשׂ אִם־אֶעֱלֶה	(v. 3b)	não subirei ao leito de minha cama,
לְעֵינָי שְׁנָת אִם־אֶתֵּן	(v. 4a)	não darei sono aos meus olhos,
תְּנוּמָה׃ לְעַפְעַפָּי	(v. 4b)	nem descanso as minhas pálpebras,
לַיהוָה מָקוֹם עַד־אֶמְצָא	(v. 5a)	até que eu encontre um lugar para o SENHOR
לַאֲבִיר מִשְׁכָּנוֹת׃ לְיַעֲקֹב	(v. 5b)	moradas para o poderoso de Jacó!”
בָּאֶפְרָתָה הִנֵּה־שְׁמַעֲנוּהָ	(v. 6a)	Eis que ouvimos dela em Éfrata:
בִּשְׂדֵי־יָעַר׃ מְצָאנוּהָ	(v. 6b)	nós a encontramos nos campos de Jaar.
לְמִשְׁכְּנוֹתָיו נָבוֹאָה	(v. 7a)	Entremos no lugar de sua morada,
רַגְלָיו׃ לַהֲדֹם נִשְׁתַּחֲוֶה	(v. 7b)	curvemo-nos diante do sólio de seus pés!
לְמְנוּחָתֶךָ יְהוָה קוּמָה	(v. 8a)	Alça-te, SENHOR, para o lugar de teu repouso,
עֻזֶּךָ׃ וַאֲרוֹן אַתָּה	(v. 8b)	Tu e a Arca de tua força!

[2] ELLIGER, Karl; RUDOLPH, Wilhelm (Ed.). *Biblia Hebraica Stuttgartensia*. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1990, p. 1102. (O livro dos Salmos foi preparado, em 1969, por H. Bardtke.)

יִלְבְּשׁוּ־צֶדֶק כֹּהֲנֶיךָ	(v. 9a)	Teus sacerdotes revistam-se de justiça
וַחֲסִידֶיךָ יְרַנֵּנוּ:	(v. 9b)	e teus fiéis, com regozijo, cantem!
עַבְדְּךָ דָוִד בַּעֲבוּר	(v. 10a)	Por causa de Davi, teu servo,
מְשִׁיחֶךָ: פְּנֵי אַל־תָּשֵׁב	(v. 10.b)	não recuses a face do teu ungido.
אֱמֶת לְדָוִד נִשְׁבַּע־יְהוָה	(v. 11a)	Jurou, o SENHOR, para Davi uma verdade,
מִמֶּנָּה לֹא־יָשׁוּב	(v. 11b)	e dela não recusará:
בִטְנְךָ מִפְּרִי	(v. 11c)	um dos frutos de teu ventre,
לְכִסֵּא־לָךְ: אָשִׁית	(v. 11d)	eu ascenderei sobre teu trono,
וְעֵדֹתִי זֹּאת אֲלַמְּדֵם	(v. 12a)	se custodiarem teus filhos, minha aliança e minha norma,
אִם־יִשְׁמְרוּ בְרִיתִי בָּנֶיךָ	(v. 12b)	Com a qual vou ensiná-los,
עֲדֵי־עַד גַּם־בְּנֵיהֶם	(v. 12c)	também seus filhos, perpetuamente,
לְכִסֵּא־לָךְ: יֵשְׁבוּ	(v. 12d)	sentar-se-ão em teu trono”.
בְּצִיּוֹן יְהוָה כִּי־בָחַר	(v. 13a)	Pois, preferiu o SENHOR a Sião,
לוֹ: לְמוֹשָׁב אִוָּה	(v. 13b)	a quis como sua vivenda.
עֲדֵי־עַד זֹאת־מְנוּחָתִי	(v. 14a)	Este é meu descanso, perpetuamente,
אֹותִיהָ: כִּי פִּה־אִוִּיתִי	(v. 14b)	aqui habitarei porque a quis.
צֵידָהּ בָּרֵךְ אֲבָרֵךְ	(v. 15a)	Suas provisões, abundantemente, abençoarei
לֶחֶם אַשְׂבִּיעַ אֶבְיוֹנֶיהָ	(v. 15b)	e seus pobres satisfarei de pão.
כֹּהֲנֶיהָ אַלְבִּישׁ יֶשַׁע	(v. 16a)	Seus sacerdotes trajarei de salvação
וַחֲסִידֶיהָ רַנֵּן יְרַנֵּנוּ:	(v. 16b)	e seus fiéis, certamente, darão gritos de júbilo.
שָׁם אַצְמִיחַ קֶרֶן לְדָוִד	(v. 17a)	Ali farei brotar uma linhagem/chifre para Davi,
עָרַכְתִּי נֵר לִמְשִׁיחִי:	(v. 17b)	prepararei uma lâmpada ao meu ungido.
אוֹיְבָיו אַלְבִּישׁ בֹּשֶׁת	(v. 18a)	Seus inimigos trajarei de vergonha,
וְעָלָיו יָצִיץ נִזְרוֹ:	(v. 18b)	porquanto, sobre ele surgirá seu diadema.

Fonte: produzido pelo autor.

Ao voltar os olhos para o poema lírico do Salmo 132, observa-se que, por seis vezes, o salmista menciona o tetragrama sagrado, isto é, o nome divino do “SENHOR (יְהוָה)” (vv. 1b.2a.5a.8a.11a.13a). O Senhor, Deus de Israel, é apresentado como a razão teológica do “juramento (שבע)” e do “voto (נדר)” feitos por “Davi (דָוִד)” (vv. 1b–2b), cujo nome ocorre quatro vezes (vv. 1b.10a.11a.17a). É aquele que detém o “repouso (מְנוּחָה)” (v. 8a) e a “verdade (אֱמֶת)” (v. 11a); que possui “arca (אָרוֹן)”, convoca “sacerdotes (כֹּהֵן)” à justiça e reúne “fiéis (חָסִיד)” em

júbilo (vv. 8b.9a–b). Ele elege Sião ao "escolhê-la (בָּחַר)" como sua "morada (מוֹשָׁב)" (v. 13a), garantindo a continuidade da promessa feita a Davi acerca do "ungido (מָשִׁיחַ)" (v. 10b) que se assentará no "trono (כִּסֵּא)" (v. 11d). Todavia, o poema não legitima um projeto de poder autônomo: a legitimidade é condicionada pela observância da aliança e da norma divina — "se custodiarem, teus filhos, minha aliança e minha norma" (v. 12a). Em termos teológicos, a autoridade régia é função da fidelidade; quem guarda a aliança e a norma de Deus não pode recorrer à arrogância ou à tirania.

De outro lado, por que Davi é tão lembrado neste poema? A ênfase pode refletir a memória idealizada dos primórdios da monarquia, período associado a maior coesão intertribal. Parte da tradição interpretativa descreve esse tempo como uma "idade de ouro"[3] de Israel; contudo, a própria narrativa bíblica problematiza essa idealização, dada a presença de conflitos e derramamento de sangue (2Sm 2,17–32). O salmo, assim, mobiliza a memória davídica como referência teológica, sem ignorar as ambiguidades históricas que a cercam.

Fato é que o transcurso histórico revelou a infidelidade de vários descendentes de Davi: baixaram a guarda, esqueceram o ensino sagrado e praticaram a idolatria. A cidade outrora escolhida como "morada (מוֹשָׁב)" — Jerusalém — foi tomada, saqueada e queimada, e o povo experimentou o exílio (cf. 1Sm 12,10; Jr 25,8–14; 29,10–12; 32,28–44; 39,1–14). Tais ocorrências são lidas, no horizonte bíblico, como consequência da quebra da aliança.

Ainda assim, a base da promessa do Senhor de Israel permanece, pois sua "verdade (אֱמֶת)" não se desfaz (v. 11a). Dentro desse quadro, o "ungido (מָשִׁיחַ)" volta a emergir como sinal de esperança, figurado pela "lâmpada (נֵר)" preparada por Deus (v. 17b). À luz das tradições do Segundo Isaías — em especial Is 42,1–9 — é pertinente perguntar se a metáfora da lâmpada, que ilumina a caminhada do povo, encontra ressonância na figura do Servo do Senhor, sugerindo uma leitura intertextual que conecta promessa davídica e missão do Servo.

[3] Cf.: PROJETO TEOLOGIA DO TRABALHO. *A era de ouro da monarquia: 2Samuel 1—24, 1Reis 1—11, 1Crônicas 13; 21—25*. Teologia do Trabalho. Disponível em: https://www.teologiadotrabalho.org/antigo-testamento/samuel-reis-e-cr%C3%B4nicas-e-o-trabalho/a-era-de-ouro-da-monarquia-2samuel-1-24-1reis-1-11-1cr%C3%B4nicas-13-21-25. Acesso em: 1 jul. 2025.

O juramento de Davi

No Salmo 132, o juramento de Davi ao Senhor apresenta uma estrutura quadripartida, articulada em quatro negativas consecutivas (Sl 132,3a–4b), que ressaltam a intensidade de sua determinação em priorizar a busca de morada para o Senhor. Ciente de que as famílias possuíam uma "vivenda" para morar ou uma casa para viver, exceto a "arca (אָרוֹן)" (v. 8b) do Senhor, já que esta permanecia em constante deslocamento pelos acampamentos (v. 6a-b). Davi, mencionado quatro vezes na poesia, elabora sua prece, usando também quatro imagens, aqui denominadas votos. Segundo ele, enquanto não encontrar um "lugar (מָקוֹם)" (v. 5a) para acolher a presença do Senhor, o rei, abdica de delícias naturais que favorecem seu conforto pessoal.

Frise-se, ainda, que a palavra "arca (אָרוֹן)" em todo o Saltério é descrita somente em Sl 132,8b. Considerando que a "arca" é o habitat da presença de Deus, o que mais importa no juramento feito por Davi junto ao Senhor não é o sacrifício a que este último se impõe ao arquitetar os votos: "não entrar em casa" (v. 3a), "não subir para a cama" (v. 3b), "não dar sono aos olhos" (v. 4a), e, "nem cochilar as pálpebras" (v. 4b), mas a finalidade desse processo: "encontrar um lugar para o SENHOR (יהוָה)" (v. 5a).

Se, por um lado, Davi se tornou bem-aventurado pelo fato de cumprir sua missão, por outro, felizes são aqueles e aquelas que, ao testificarem esta literatura, o fazem baseados na memória e na fé, celebrando e revivendo o que no passado se deu, de fato. Em todo caso, é muito provável que, à época, o sistema monárquico vivesse um "período turbulento", quer do ponto de vista "espiritual", quer "político". Mais uma vez, surge a intervenção divina, fazendo o coletivo de Israel compreender que o sucesso, nos diversos níveis da vida, passa sempre pela fidelidade à Lei do Senhor (Ross, 2015, p. 729).

A raiz verbal שׁבע, traduzida como "jurar", ocorre em Sl 132,2a no grau do *Nifal,* no perfeito, 3ª pessoa masculina singular (cf. Andrade, 2015, p. 145; Zimmer et al., 1988, p. 218) e ocorre doze vezes no livro dos Salmos. Esse verbo torna-se mais chamativo no livro dos Salmos, onde aparece seis vezes em contextos que se referem ao juramento feito pelo ser humano a Deus" conforme (Sl 15,4; 24,4; 63,12; 102,9; 119,106; 132,2). Em contrapartida, as outras seis presenças, tratam do juramento feito da parte do próprio Senhor, que é Deus de Israel (Sl 89,4.26.50; 95,11; 110,4; 132,11).

No que se refere ao juramento feito por Davi e/ou por seus descendentes, considera-se como verdadeiramente "honrados" aqueles que, em vida, "temem ao Senhor" — mesmo que tenham proferido um "juramento (שׁבע)" com possibilidade de causar algum dano a outrem (Sl 15,4) —, desde que esse juramento não seja feito com falsidade (Sl 24,4). Mas, afinal, quem são esses? São aqueles que "juram (שׁבע)" em favor do rei (Sl 63,12). O mesmo não pode ser dito com relação aos que "juram (שׁבע)" contra a vida do "oprimido" cuja "comida" é a "cinza" e "bebida" é o "choro" (Sl 102,9). Se estes "juram (שׁבע), fazem-no por uma razão: a fim de "guardar os julgamentos da justiça" divina (Sl 119,106). Juram, como "jurou (שׁבע)" ao Senhor seu antepassado Davi, ao fazer-lhe um voto (Sl 132,2).

As tradições veterotestamentárias abordaram amplamente essa temática do juramento. Em Gênesis, a raiz שׁבע aparece em pactos patriarcais (Gn 21,23–24; 31,53). No corpus mosaico, o juramento se vincula à aliança e ao cumprimento das promessas divinas (Êx 6,8; Dt 1,8). A tradição deuteronomista interpreta o juramento como fundamento da posse da terra e da dinastia davídica (2Sm 7,11–16). Já nos Salmos, o termo é reelaborado poeticamente como garantia da fidelidade de Deus (Sl 89,4–5; 132,11), enquanto os profetas tanto reforçam a irrevogabilidade do juramento divino (Is 45,23; Jr 11,5) quanto denunciam os juramentos falsos (Os 10,4). Tal prescrição foi compreendida e sistematizada no Decálogo da seguinte forma: "Não levantarás o nome do SENHOR, teu Deus, em vão, porque o SENHOR não inocentará quem levanta o nome dele em vão" (Ex 20,7; Nm 30,3; Dt 5,11; 23,22-23)[4]. Porquanto a tradição mateana sem negar o que já havia sido ensinado, aprofunda o tema, expondo-o como paradigma de norma, dito por Jesus de Nazaré: "Não jureis, em hipótese alguma! Não jureis pelo céu, porque é o trono de Deus; nem pela terra, porque é o estrado dos seus pés; nem por Jerusalém, porque é a cidade do grande rei! Não jures nem por tua cabeça, porque não podes tornar branco ou preto sequer um cabelo! Que vossas palavras sejam simplesmente, sim, sim e não, não; o que for além disso é do maligno!" (Mt 5,34-37)[5].

[4] IGREJA CATÓLICA. *Catecismo da Igreja Católica*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2000. §§ 2150–2155. Nestes parágrafos, a Igreja trata da importância do segundo mandamento — "Não tomarás o nome do Senhor teu Deus em vão" —, abordando o valor da verdade, a gravidade do juramento falso e o uso legítimo do juramento em contextos solenes, fundamentando-se, inclusive, em textos paulinos como 2Cor 1,23 e Gl 1,20.

[5] A epístola católica atribuída a Tiago retoma o tema do juramento em um contexto de exortação à paciência cristã nas tribulações. Em Tg 5,12, lemos: *"Sobretudo, meus irmãos, não jureis, nem pelo céu, nem pela terra, nem façais qualquer outro juramento; que o vosso sim seja sim, e o vosso não, não, para que não caiais em condenação"*. A passagem ecoa diretamente os ensinamentos de Jesus em Mt 5,34–37 e reflete uma preocupação pastoral com a integridade da palavra e o abandono do juramento leviano.

Enfim, quando no Salmo 132 o orante recorda-se do famoso voto davídico, introduzindo na peça literária a expressão "o poderoso de Jacó" (v. 2b) saúda a Davi, como homem "perfeito", "soberano" e "fiel", pois, de um lado, preserva as tradições de seus antepassados, e, de outro, na condição de rei, podendo preterir seu descanso, dele abdicou, colocando em primeiro lugar uma digna morada para o Senhor (Ravasi, 2015, p. 661). Pois, quem se comporta desse modo, sabe que sua consciência jamais poderá "ir (עלה) para a cama" (v. 3b) no sentido de "subir (עלה)" para ela, a fim de descansar, caso o coletivo do povo que lhe fora confiado, não tenha a oportunidade de também "subir (עלה)[6]" rumo à tenda de seu Deus, a fim de cultuá-Lo.

O juramento do Senhor

Tendo o orante concluído a arquitetura literária do juramento de Davi — isto é, a organização poética em quatro negativas sucessivas (vv. 3–4), que conferem ênfase e solenidade à sua resolução —, o texto introduz agora quatro verbos no plural, que dão vitalidade ao coro que canta e/ou reza. Trata-se dos verbos: "ouvir (שׁמע)" (v. 6a), "encontrar (מצא)" (v. 6b), "entrar (בוא)" (v. 7a) e "curvar (חוה)" (v. 7b). Tematicamente tais expressões verbais apontam para a alegria sentida pelo fato descoberto: o paradeiro da "Arca (אָרוֹן)" (v. 6b) e com isso, a possibilidade de encontrá-la no seu devido "lugar (מָקוֹם)" (v. 5a), isto é, em Sião[7]. Paulatinamente, a realidade simbólica da Arca — entendida como sinal eficaz da presença de Deus junto ao povo — é absorvida pela do Templo, que passa a exercer a mesma função teológica. Com o tempo, um símbolo se integra ao outro, de modo que a memória da Arca subsiste no Templo (Nm 10,35–36; 2Cr 6,41–42). Em seguida, o orante apresentará ao seu interlocutor o conteúdo do juramento feito por parte do Senhor junto a Davi: "jurou, o SENHOR, para Davi uma verdade" (v. 11a).

Observe-se que a raiz verbal "jurar (נִשְׁבַּע)" reaparece, estabelecendo um paralelo com o v. 2a e marcando, com isso, seis ocorrências nos cento e cinquenta Salmos — conforme já mencionado

[6] Na língua hebraica de uma mesma raiz provém duas palavras diversas. É o caso da raiz "subir (עלה)" que significa tanto "altura", quanto "holocausto". Cf.: Dicionário hebraico-português e aramaico-português, ZIMMER, Rudi *et al. Dicionário hebraico-português e aramaico-português*. 1. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1988. p. 180.

[7] O Salmo 132 é tradicionalmente classificado como um hino de peregrinação. Os verbos descritos no plural, que envolvem ações comunitárias, evocam a imagem do povo reunido em oração e fé — lembrando a figura do peregrino que, periodicamente, dirige-se a um santuário em busca de encontro com o sagrado.

na seção anterior, sobre o juramento de Davi. Quer dizer, a atitude de Davi assemelha-se ao comportamento do Senhor, mas, com um diferencial: Davi[8] por diversas vezes quebrou o juramento feito, porquanto o Senhor jamais cometeu tal ato. Haja vista ser o seu conteúdo digno de "verdade (אֱמֶת)" (v. 11a) e de "incondicionalidade" [9].

Em seguida, tem-se o cerne do juramento divino: "um dos frutos de teu ventre (בֶּטֶן)" (v. 11c). Aliás, era de se esperar que, nem todos os filhos de Davi fossem reis. Entretanto, um seria o escolhido para "ascender (שׁית)" ao trono (v. 11d). Pois, se de um lado, somente um seria o escolhido, de outro, o governo poderia ser de caráter perene e não transitório, como indicam os versos: "Se custodiarem, teus filhos, minha aliança e minha norma, com a qual, vou ensiná-los, também seus filhos, perpetuamente, sentar-se-ão em teu trono" (vv. 12a-d). Da parte de Deus, tanto Davi, quanto seus filhos podem estar certos: o que o Senhor prometeu, ele mesmo cumprirá. O cumprimento da promessa, lançada, sempre para o futuro, abraça no Salmo 132 duas imagens fortes: a primeira trata da perpetuidade da linhagem davídida por meio de um "chifre (קֶרֶן)" e a segunda é concebida pelo simbolismo da "lâmpada (נֵר)" (vv. 17a-b), cujo significado remete à consolidação do poder, bem como à clareza necessária para guiar e pastorear o povo[10].

Chamativa é a tríade relacional que se estabelece em torno do 'lugar de repouso' para o Senhor. Primeiro, pela finalidade do voto de Davi: 'até que eu encontre um lugar (מָקוֹם) para o SENHOR' (v. 5a). Em seguida, pela voz do coro litúrgico, que suplica: 'alça-te, SENHOR, para o lugar de teu repouso (מְנוּחָה)' (v. 8a). E, por fim, pela própria palavra divina, que confirma: 'este é o meu repouso (מְנוּחָה) para sempre' (v. 14a). Essa tríade mostra a articulação entre a iniciativa régia, a mediação comunitária e a escolha soberana de Deus, compondo uma unidade teológica. Imagina-se que o orante, ao fazer uma fiel releitura da vida de Davi, tenha imaginado

[8] A obra *O Israel bíblico: História – Arqueologia – Geografia - PEETZ, Melanie. São Paulo: Paulinas, 2022;* trata do surgimento da monarquia, da divisão entre os reinos do Norte e do Sul, e do ciclo de fidelidade e infidelidade dos reis israelitas e judaitas. Embora o número exato de aproximadamente setenta reis não seja afirmado explicitamente, os relatos bíblicos e os quadros cronológicos apresentados pela autora demonstram que muitos reis, inclusive pertencentes à linhagem davídica, se afastaram da aliança com o Senhor, tornando-se idólatras (cf. 2Rs 17,7-23; 2Cr 28,1-4). Recomenda-se consultar os capítulos B a H da obra, nos quais se delineiam esses acontecimentos históricos e teológicos.

[9] Cf.:DANE, Timothy L. *An exegetical exposition of Psalm 132*. Clarks Summit, Pennsylvania: Baptist Bible Seminary, 2007. Projeto de semestre apresentado como parte dos requisitos para o grau de Doutor em Filosofia. 2007. p. 38.

[10] No que diz respeito ao chifre, ver: Dn 7,8 e Lc 1,69. Sobre a lâmpada, cf.: 1Rs 11,36; 15,4; 2Rs 8,19 e 2Cr 21,7.

que: o ser humano pode até sonhar em encontrar um lugar para Deus morar, mas, o descanso e o reinado eternos têm como última palavra a vontade Dele, jamais a de quem Nele crê. Neste caso, sugestiva morada é o coração humano, quando resolve participar do ato benevolente e renovador da criação divina, fazendo, por participação, o que somente Deus faz, ao presidir a ação de abençoar as "provisões (צַיִד)" e os "pobres (אֶבְיוֹן)", vestir os "sacerdotes (כֹּהֵן)" de justiça e os "fiéis (חָסִיד)" na condição de santos, de regozijo e muita alegria, cumprindo, então, seu juramento a Davi: "um dos frutos do teu ventre eu farei ascender ao teu trono" (v. 11c-d).

Considerações finais

O presente estudo procurou compreender o Salmo 132 em sua dinâmica interna, com destaque para o jogo de juramentos cruzados que organiza a composição. De um lado, observamos o juramento de Davi, marcado por renúncias pessoais em vista de um lugar para o Senhor. De outro, está o juramento divino, no qual Deus se compromete com a descendência davídica e com a eleição de Sião. Essa tensão revela como a iniciativa humana encontra sua plenitude apenas na fidelidade de Deus.

A análise mostrou que o salmo se organiza em quatro estrofes bem delimitadas. Os recursos poéticos, como paralelismo, quiasmo e hendíadis, não funcionam apenas como ornamentação literária, mas como instrumentos de força teológica. Também a tríade "lugar–repouso–habitação" se mostrou fundamental, pois indica que a presença de Deus não se reduz a um espaço físico, mas se atualiza na relação entre promessa e aliança.

Percebe-se ainda que a memória de Davi não aparece como nostalgia de uma "idade de ouro", mas como fundamento de intercessão e esperança. A repetição do nome de Davi ao longo do poema abre a possibilidade de entender a eleição de Sião como dom gratuito de Deus, no qual repousa a verdadeira segurança da comunidade. Assim, a realeza, longe de ser absolutizada, é sempre relativizada pela fidelidade à aliança e pelo serviço ao povo, em especial aos pobres.

Portanto, podemos dizer que o Salmo 132 ensina que a permanência da promessa não depende de estruturas políticas ou de construções humanas, mas da fidelidade de Deus, que escolhe, promete e habita. Sua presença em Sião traduz-se em alimento para os necessitados, em justiça para os sacerdotes e em alegria para os fiéis. É nesse horizonte que eleição de Sião e promessa

davídica convergem: para afirmar que o repouso de Deus se realiza na vida de um povo que guarda a aliança e procura viver de acordo com a sua Palavra.

Ao longo dos séculos, homens e mulheres sempre fizeram juramentos a Deus. No Salmo 132, refere-se, em princípio, ao juramento de Davi (v. 2a), mas é evidente que essa atitude não parou aí. Seus descendentes também estiveram implicados em compromissos semelhantes. Como se lê em 1 Reis 1,13, Davi jurou que Salomão reinaria em seu lugar, mostrando que a sucessão dinástica esteve ligada a juramentos solenes. E mesmo hoje, peregrinos e devotos, ao visitar santuários, continuam a fazer juramentos ao Senhor, renovando essa tradição milenar de aliança. Um exemplo concreto pode ser encontrado no Santuário de Nossa Senhora da Piedade, em Caeté[11] (MG), onde fiéis, movidos pela fé e pela esperança, oferecem votos, súplicas e promessas à Mãe da Piedade, confiando-lhe suas dores e projetos de vida.

Por fim, convém lembrar que este estudo não pretendeu esgotar o tema. Sua intenção foi oferecer uma leitura exegético-teológica que ajude a perceber a riqueza literária e espiritual do salmo. Outras abordagens — históricas, litúrgicas ou de recepção — poderão ampliar e aprofundar a compreensão desse texto tão singular.

[11] O estudo do Salmo 132 marca o início de um caminho hermenêutico que está sendo construído com dedicação e sensibilidade. A proposta é simples, mas profundamente significativa: percorrer, passo a passo, todos os Salmos pertencentes à família dos Hinos de Peregrinação, lançando sobre eles um olhar que una leitura bíblica, reflexão teológica e escuta literária. Mais do que analisar textos antigos, a intenção é escutar sua voz viva hoje, no coração do povo. Cada Salmo será, então, associado a um Santuário brasileiro, como quem traça uma ponte entre a Palavra e a vida, entre as Escrituras e a espiritualidade popular. Se os antigos peregrinos de Israel subiam ao templo cantando seus salmos, nós também subiremos — mas agora, guiados por quinze Santuários que representam as cinco regiões da nossa Terra de Santa Cruz. É um convite a reconhecer que a fé que brota da Bíblia continua a ecoar nos passos do povo que caminha, reza e crê. Neste projeto, o que se deseja é mais do que unir dois mundos: é revelar que fé bíblica e fé popular não são opostas nem distantes. Pelo contrário, estão entrelaçadas, uma fecundando a outra. A Palavra sustenta o povo, e o povo dá carne à Palavra. Ambas nascem do mesmo Espírito e, em comunhão, elevam o Nome do Senhor, Deus de Israel. Esse encontro ganha sua plenitude na Pessoa de Jesus Cristo, que, ao morrer e ressuscitar, fez-se ponto de convergência entre o Céu e a Terra, entre a história sagrada e a história vivida. Um exemplo tocante dessa união entre fé e cultura pode ser vivenciado no Santuário de Nossa Senhora da Piedade, em Caeté (MG), onde a tradição da peregrinação, a paisagem montanhosa e a devoção mariana se entrelaçam, tornando-se expressão viva de uma espiritualidade que nasce da terra, sobe como súplica aos céus e encontra na Palavra de Deus seu sentido mais profundo. Ali, como no antigo Sião, o povo sobe em romaria, carrega seus salmos no coração e canta sua fé com os pés no chão e os olhos erguidos ao alto. https://santuarionossasenhoradapiedade.arquidiocesebh.org.br/

Referências Bibliográficas

ANDRADE, Arnaldo Érico de. *Gramática do hebraico bíblico*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2015.

BALLARINI, Teodorico; REALI, Venanzio. *A poética hebraica e os Salmos*. Petrópolis: Vozes, 1999.

BÍBLIA. Capa Cristal. São Paulo: Paulinas, 2023.

BORTOLINI, José. *Conhecer e rezar os Salmos: comentário popular para nossos dias*. São Paulo: Paulus, 2000.

DANE, Timothy L. *An exegetical exposition of Psalm 132*. 2007. Projeto de semestre (Doutorado em Filosofia) – Baptist Bible Seminary, Clarks Summit, Pennsylvania.

DANTAS, José Ancelmo Santos. O monte, o cetro e o coração: um estudo bíblico de Sl 125. *Revista UniÍtalo em Pesquisa*, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 100–..., jan./jun. 2025. ISSN 2236-9074.

ELLIGER, Karl; RUDOLPH, Wilhelm (Ed.). *Biblia Hebraica Stuttgartensia*. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1990, p. 1102. (O livro dos Salmos foi preparado, em 1969, por H. Bardtke.)

IGREJA CATÓLICA. *Catecismo da Igreja Católica*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2000. §§ 2150–2155.

PEETZ, Melanie. *O Israel bíblico: História – Arqueologia – Geografia*. São Paulo: Paulinas, 2022.

PROJETO TEOLOGIA DO TRABALHO. *A era de ouro da monarquia: 2Samuel 1—24, 1Reis 1—11, 1Crônicas 13; 21—25*. Teologia do Trabalho. Disponível em: https://www.teologiadotrabalho.org/antigo-testamento/samuel-reis-e-cr%C3%B4nicas-e-o-trabalho/a-era-de-ouro-da-monarquia-2samuel-1-24-1r eis-1-11-1cr%C3%B4nicas-13-21-25. Acesso em: 1 jul. 2025.

RAVASI, Gianfranco. *Il libro dei Salmi: commento e attualizzazione*. Bologna: Dehoniana Libri, 2015. v.3.

ROSS, Allen P. *A commentary on The Psalms – vol. 3 (90-150).* Published by Kregel Academic, an imprint of Kregel Publications, 2450 Oak Industrial Dr. NE, Grand Rapids, MI 49505. 2015.

SANTUÁRIO BASÍLICA NOSSA SENHORA DA PIEDADE**.** Santuário Basílica Nossa Senhora da Piedade. Arquidiocese de Belo Horizonte. Disponível em: https://santuarionossasenhoradapiedade.arquidiocesebh.org.br/. Acesso em: 6 set. 2025.

SEYBOLD, K. *Poetica degli scritti narrativi nell' Antico Testamento*, idioma Italiano, Ed. Paideia, 01 janeiro 2010.

ZIMMER, Rudi *et al. Dicionário hebraico-português e aramaico-português*. 1. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1988.